

80. Passou um tempo e veio essa flexibilidade do isolamento

Diogo Monteiro dos Santos

Olá, eu me chamo Diogo Monteiro dos Santos, tenho 18 anos, sou da etnia Karipuna, moro na Aldeia Manga, Terra Indígena Uaçá, região do rio Curipí e atualmente eu estou cursando o Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da UNIFAP (Universidade Federal do Amapá), este é meu segundo relato.

Na aldeia, de um tempo para cá, as coisas foram ficando mais leves, porque antes muitas pessoas passeavam de máscara, na verdade, não tinha passeio, só saiam de máscara e para comprar alguma coisa nos comércios, tudo de máscara. Agora a gente sai, joga futebol, toma banho de rio, de cachoeira, nos igarapés, joga vôlei e não está tendo mais aquele impedimento que tinha antes, as pessoas já saem sem máscara.

Teve um surto na aldeia *né*, muitos casos e tal, teve pessoas que morreram aqui nos Karipuna, três Karipuna morreram com a doença, mas depois de um tempo esse surto foi se amenizando e então eles (lideranças) acharam melhor flexibilizar a questão do isolamento social. A questão do acesso da internet também foi flexibilizada, eles tinham proibido muitas pessoas de acessar, por causa da aglomeração no local de acesso à internet, que é perto da Escola Jorge Iaparrá, então não estava podendo acessar. As pessoas iam e tinha poucas pessoas, o que era mais importante de fazer na internet eles faziam, que era para saber notícias da família, conversar com os seus professores e enviar seus trabalhos, que são online, porque uns estão tendo aulas online.

Passou um tempo e veio essa flexibilidade do isolamento social, então as pessoas voltaram a frequentar os comércios, já passaram a ir comprar coisas sem máscara, antes eles iam de máscara e sempre com o álcool em gel, muitas pessoas fazem a exigência do álcool em gel, mas agora não está sendo mais assim.

O acesso à internet voltou a funcionar normalmente, muitas pessoas voltaram a acessar, só que o acesso à internet está sendo um pouco difícil, porque tem tanta gente que quer saber notícias dos seus familiares que a internet não está dando conta de sustentar tantos celulares, então a pessoa tem que marcar sua vez, seu dia. As pessoas responsáveis

vão lá e colocam o nome, passa um dia e, no máximo, o outro dia, e eles mudam os dados de acesso, tem que refazer o cadastro de novo, é através de cadastro que é controlado o número de celulares.

No auge dos casos na aldeia as reuniões eram realizadas com poucas pessoas, era mais o Conselho, agora já está tendo reuniões da comunidade, os trabalhos comunitários já voltaram, os aniversários voltaram a acontecer novamente, os encontros das igrejas e os cultos voltaram, os trabalhos da roça também. Tinham proibido os mutirões para a roçagem, derrubada e plantio das roças. Ainda não está liberado totalmente os mutirões, mas já podemos reunir para fazer a farinha e já está podendo ir mais pessoas para o Oiapoque, mas estão controlando quem sai e quem entra na aldeia para não haver confusão. Os carros de frete voltaram a funcionar normalmente, as pessoas voltaram a passear, a faz festas nas suas casas, claro que com poucas pessoas e em determinado horário.

As festas juninas não aconteceram por causa das limitações do isolamento social, as festas de dezembro, principalmente a festa de Nossa Senhora de Guadalupe, ainda não foram confirmadas e pelo que nos informaram não vão acontecer. As pessoas ficam passeando, as medidas estão mais livres. O pessoal já está voltando a sua rotina, normalmente, só que as festas ainda não foram liberadas.

O trabalho comunitário está sendo realizado em dois sábados, que é o normal, no segundo e no terceiro sábado, e o número de pessoas já não é mais controlado, vai quem quiser, tudo está voltando a normalidade, não sei até quando.

Aldeia Manga, Oiapoque, Amapá, Brasil

03 de agosto de 2020

Relato recebido em áudio e transcrito por Danilo Rufino Cavalcante de Souza